

MULHERES NO ENSINO DE QUÍMICA: QUESTÕES DE GÊNERO NO DISCURSO DE PROFESSORAS DO IFRN

Women in chemistry teaching: gender issues in the speech of IFRN teachers

Sebastiana Estefana Torres Brilhante*
estefana_torres@hotmail.com

Ilane Ferreira Cavalcante**
ilanecfc@gmail.com

RESUMO: A presença de mulheres na Educação Profissional é uma história relativamente recente (com maior desenvolvimento a partir do século XIX) e, no Brasil, se constitui de forma ainda segmentada, com áreas ainda definidas como prioritariamente masculinas e femininas (SANTOS, 2013). Neste trabalho, buscamos um recorte contemporâneo, que nos permita refletir a partir da perspectiva das docentes que atuam nas disciplinas do núcleo específico do curso de Licenciatura em Química sobre as questões de gênero que permeiam seu trabalho e a sociedade. Esse texto é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “As percepções de gênero das docentes no curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio Grande do Norte”. A metodologia adotada partiu de entrevistas semiestruturadas com cinco docentes do Curso de Licenciatura em Química do IFRN com o objetivo de analisar suas percepções acerca das questões de gênero na sociedade. Os dados qualitativos coletados foram trabalhados por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiuzzi (2007, 2016). Constatou-se que as desigualdades entre gêneros são “perceptíveis” no cotidiano, pois não só as entrevistadas, mas a instituição onde atuam, estão inseridas em uma realidade e em uma sociedade marcadas pela divisão dos sexos, a submissão de um sexo sobre outro, enquanto deveria prevalecer a equidade. Esses resultados permitem concluir, entre outros aspectos, a relevância de construir uma história em prol da equidade de gênero nas relações sociais.

PALAVRAS CHAVE: Educação Profissional, Gênero, Ensino de Química.

ABSTRACT: The presence of women in Professional Education is a relatively recent history (with greater development since the 19th century) and, in Brazil, it is still segmented, with areas still defined as primarily male and female (SANTOS, 2013). We discuss the view of professors who work in the specific core of the Chemistry Degree course about gender issues that permeate society. This work is an excerpt from the master's dissertation entitled "Gender perceptions of teachers in the Chemistry Degree course at the Federal Institute of Rio Grande do Norte". The methodology adopted to collect the data was the semi-structured interview with five professors of the Chemistry Degree Course at IFRN with the aim of analysing their perceptions about gender issues in society. The collected qualitative data were analysed through the Textual Discourse Analysis (DTA) proposed by Moraes and Galiuzzi (2007, 2016). The results show that inequalities between genders are “perceptible” in everyday life, as not only the interviewees, but the institution where they work, are inserted in a reality and in a society marked by the division of sexes, the submission of one sex over another, while equity should prevail. These results allow us to conclude, among other aspects, the relevance of building a history in favor of gender equity in social relations.

KEYWORDS: Professional Education, Gender, Chemistry teaching.

* Mestre em Educação pelo programa de Educação Profissional pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

** Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), atuando no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional da mesma instituição (PPGEP - IFRN).

Introdução

A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende por que
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber.
(Descontruindo..., 2011).

É com essa estrofe da música de Pitty que esse trabalho tece uma reflexão sobre a perspectiva de algumas mulheres acerca de sua vivência no mundo do trabalho. Essa trajetória tem sido historicamente marcada por lutas que partiram, pelo direito à cidadania, pelo direito à educação, pela possibilidade de decidir os rumos de sua própria vida, visto que as mulheres eram criadas única e exclusivamente para serem donas de casa, boas esposas e mães. Vale salientar que o trabalho mais ocupado pelas mulheres a partir da primeira metade do século XX foi o magistério, por isso até hoje existe essa relação da profissão com a feminilidade. (ALMEIDA, 1998).

No ensino superior essa presença passa a se dar de forma mais enfática ao longo do século XX e início do século XXI. A entrada no ensino superior passou a exigir da mulher muito além daquilo que o naturalizado “cuidado” que caracterizava e justificava a sua presença na educação infantil e básica. A atuação na educação superior implicava em produtividade acadêmica, em pesquisa, isto é, em tempo e espaço para estudo, reflexão e produção do conhecimento. No entanto, essa conquista que representou a entrada em níveis mais elevados e mais privilegiados socialmente de atuação, não implicou, no entanto, em menor dedicação aos ditos “trabalhos femininos” relacionados ao lar e à família.

A entrada massiva das mulheres no ensino superior no Brasil se deu na década de 1970, tardiamente, considerando a existência das instituições de ensino superior desde o século XIX (considerando a fundação Faculdade de Medicina da Bahia, em 1808). Essa invisibilidade constitui mais um problema da historiografia, representando um obstáculo ao avanço de uma perspectiva historiográfica inovadora, capaz de traçar um quadro no qual figurem não apenas um punhado de mulheres notáveis, mas também as incontáveis anônimas que, no Brasil, a partir da década de 1940, adentraram contínua e decisivamente nos laboratórios de pesquisa. (FERREIRA et al., 2008, p. 45).

A presença das mulheres se constitui fortemente nas áreas das ciências humanas e sociais, e se reduz a quase nada nas áreas de tecnologia e ciências exatas. Conforme o

Relatório *Education at a glance* (OECD, 2019)., as mulheres dominam o campo de saúde e bem estar, mas isso ainda implica em diferentes patamares salariais para homens e mulheres, com predominância dos homens.

Essa pesquisa é recorte da dissertação de mestrado intitulada “As percepções de gênero das docentes no curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio Grande do Norte”, defendida em fevereiro de 2019 no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP) do IFRN. Nela, discutimos a visão das docentes que atuam nas disciplinas do núcleo específico do curso de Licenciatura em Química sobre as questões de gênero que permeiam a sociedade e o ambiente em que trabalham.

Este trabalho está dividido em duas partes: a primeira classificada como comparativa, por confrontar dados referentes a homens e mulheres; de caráter mais quantitativo, a partir do levantamento dos dados educacionais de formação superior e trabalho docente no IFRN. Para isso, analisamos os dados de 2013 a 2018, no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP)/IFRN quanto à representatividade de gênero em número de discentes e docentes no Curso de Licenciatura em Química dentro da realidade da instituição. A segunda é efetivada como uma pesquisa de natureza qualitativa, ligada a um universo de significações (MINAYO, 2007), que é o ponto de partida para a elaboração desse estudo, que contribui para compreendermos as relações de gênero a partir do discurso das docentes que atuam nas disciplinas do Eixo Específico no Curso de Licenciatura em Química do IFRN.

A partir dos dados encontrados no Suap-IFRN, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as cinco docentes que ministram disciplinas da área específica do Curso de Licenciatura em Química do IFRN, com o objetivo de analisar o que transparece em seu discurso acerca das questões de gênero na sociedade e no ambiente em que trabalham. Os dados qualitativos coletados foram trabalhados por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi (2007, 2016). As entrevistadas, ao longo do texto, são identificadas por ordem de entrevista e seguindo a ordem e os símbolos dos elementos da Tabela Periódica, já que essa é uma das principais marcas da Química e por todas as entrevistadas terem formação nessa área. O Quadro 1 apresenta a identificação de cada uma das entrevistadas ao longo do texto.

Quadro 1 – Identificação das entrevistadas.

Professoras/ Símbolo do elemento	Nome do elemento/Significado
Professora H	Hidrogênio - primeiro elemento da Tabela Periódica.
Professora He	Hélio - segundo elemento da Tabela Periódica.
Professora Li	Lítio - terceiro elemento da Tabela Periódica.
Professora Be	Berílio - quarto elemento da Tabela Periódica.
Professora B	Boro - quinto elemento da Tabela Periódica

Fonte: Elaboração própria (2018).

Ouvir e refletir sobre a voz das docentes entrevistadas permitem compreender alguns dos aspectos que têm cercado, historicamente, a vivência das mulheres no mundo do trabalho, principalmente porque essas docentes atuam em uma área ainda fortemente marcada pela separação de gênero, a química, e fazem formação de professores dessa área, assim elas não só têm a experiência de estudantes para relatar as questões que vivenciaram na sua formação quanto sua experiência profissional, atuando junto à formação de estudantes de Licenciatura em Química no IFRN.

Encontra-se vários trabalhos que relacionam docência em química a partir de diferentes aspectos como pesquisas com ênfase em carência e relações de trabalho, identidade, formação, dentre outros (ARROIO, 2009; MALDANER, 2000; SÁ; SANTOS, 2011, 2017), mas que relacione a docência de química às questões de gênero ainda são poucos, o que exalta a importância dessa pesquisa.

Este artigo apresenta, em um primeiro momento, os dados relativos à presença de mulheres no ensino superior de química no IFRN (alunas e professoras), depois, se debruça sobre as categorias extraídas dos discursos das docentes entrevistadas com ênfase em sua reflexão acerca das relações de gênero na área e no ambiente em que atuam.

1. Química: Curso Para Homens E/Ou Para Mulheres? O Contexto Do Ifrn

A disciplina de Química está na área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, assim, a química é considerada uma ciência “dura” e é taxada como uma área masculina, pois envolve cálculos. Segundo Santos (2013, p. 84), “As razões biológicas existem, mas não são elas que definem nem explicam completamente a masculinização ou feminização das

carreiras acadêmico-profissionais.”. Não é porque se é mulher que só se pode ou deve cursar disciplinas de áreas como Ciências Humanas ou Linguagens e seus códigos. O espaço do sexo feminino é nos cursos em que as mulheres se sentirem à vontade e desejarem cursar. Da mesma forma, os homens não podem se deter e acreditar que só podem ser engenheiros ou físicos. Sobre isso, Castells (2007, p. 267) afirma que “As mulheres provaram, em toda a parte, que podem ser bombeiras e estivadoras, além de executarem trabalhos árduos nas fábricas desde o início da era industrial.”. Rago (1995, p.86) afirma ainda que se faz necessário “retirar as mulheres do silêncio produzido por um discurso historiográfico centrado no homem”, pois a história social das mulheres determina a necessidade de maior visibilidade no espaço público e a “desconstrução de mitologias misóginas que obstaculizavam nosso crescimento pessoal e profissional.” (RAGO, 1995, p. 86).

A reflexão e os estudos dessas autoras já permitem perceber a relevância de compreender não só no passado, mas no presente, as relações de gênero que se constituem nas diferentes áreas do conhecimento e os aspectos que constituem a segmentação das diferentes áreas a partir de fatores justificados no sexo biológico dos sujeitos. Apesar de existir preconceito com o sexo feminino e masculino em algumas áreas, percebe-se que esse cenário tem mudado ao longo dos anos, mas as mudanças ainda são muito graduais e os resultados dessa divisão se refletem em estatísticas que perpetuam a violência sexista, a desigualdade de tratamento e de remuneração.

A divisão sexual do trabalho não pode mais ser justificada pela falta de qualificação feminina, pois o nível de escolaridade das mulheres vem crescendo a cada ano e, em geral, está acima da escolaridade dos homens. (COSTA; PONTES, 2010). No entanto, como se dá a presença feminina em um curso superior de Química? Este trabalho volta o seu olhar para a Licenciatura em Química ofertada no IFRN, contribuindo para a ampliação do campo epistemológico da educação profissional a partir de um recorte de gênero.

1.1 O curso e seu corpo discente – Um Breve Histórico

O Curso Superior de Licenciatura em Química no IFRN é ofertado desde 2009 a partir da expansão do número de *campi*. O curso é ofertado em quatro (4) *campi*, sendo eles, Apodi, Currais Novos, Ipanguaçu e Pau dos Ferros. O curso foi criado com o objetivo geral de

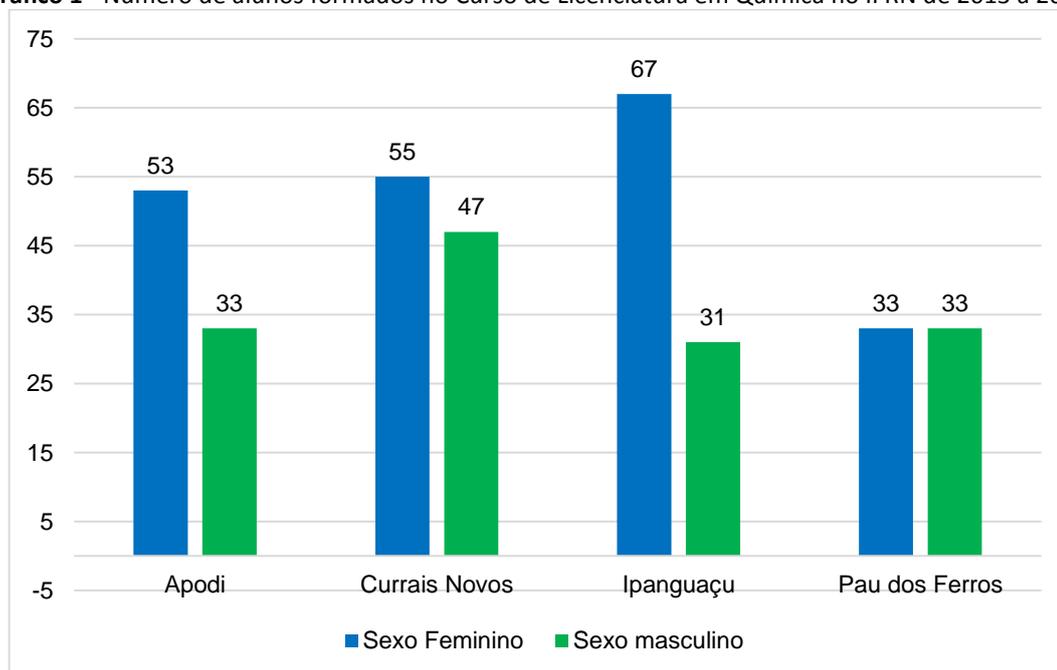
[...] formar o profissional docente em Química para atuar na educação básica, bem como em áreas afins permitidas em legislação, com um saber plural, constituído pela internalização de saberes da área específica, pedagógicos e experienciais. (IFRN, 2012, p. 9).

Sendo o curso destinado a qualquer pessoa, independente de raça, religião ou gênero, que seja portador de certificado de conclusão do ensino médio, seus discentes podem ser homens ou mulheres, o sexo não define as escolhas profissionais que serão feitas (SANTOS, 2013).

As escolhas profissionais na realidade vivenciada dentro do IFRN, mais especificamente no curso de Licenciatura em Química, foco deste estudo, no entanto, demonstram que a situação não tem mudado em relação ao cenário nacional¹.

No contexto do IFRN e pensando na relação entre os gêneros, o Gráfico 1, permite analisar o quantitativo de formados na Licenciatura em Química nos anos de 2013 a 2018. Essa delimitação temporal deu-se por 2013 ser o ano de conclusão das primeiras turmas da Licenciatura em Química da instituição.

Gráfico 1 - Número de alunos formados no Curso de Licenciatura em Química no IFRN de 2013 a 2018.



Fonte: Adaptado do SUAP (2018).

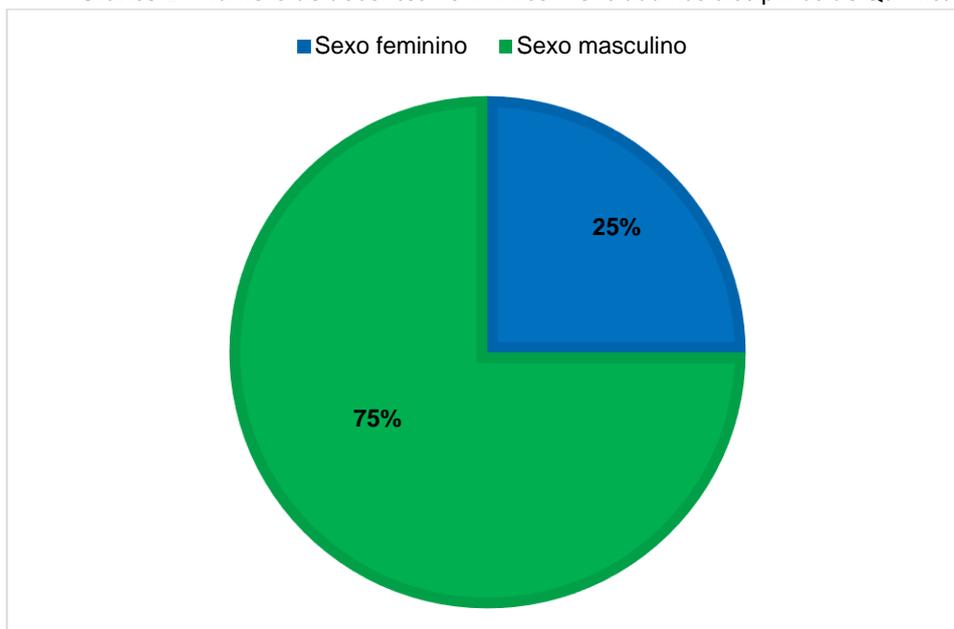
¹ O censo de educação superior realizado pelo INEP demonstra que as mulheres são 55% dos estudantes ingressantes, 57% dos matriculados e 61% dos concluintes dos cursos de graduação. Na licenciatura, por exemplo, 70,6% das matrículas são do sexo feminino. Dados disponíveis em http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-profissional-e-nos-cursos-de-graduacao/21206 Acesso em 20 de abril de 2020.

Analisando o número de formandos em Licenciatura em Química nos campi, percebe-se que durante esses seis anos o IFRN formou 352 pessoas, sendo 208 do sexo feminino e 144 do sexo masculino, o que dá uma porcentagem de aproximadamente 59,1% de concluintes do sexo feminino. Essa diferença condiz com os dados nacionais, quando comparados com os dados do Censo nacional no respectivo período. As mulheres, portanto, têm apresentado maior formação do que os homens, no entanto, isso se reflete em sua atuação no trabalho? Ou seja, as mulheres são maior número nos cursos de formação de professores de química, por exemplo? Essa questão exige uma pesquisa abrangente, no entanto, aqui é possível considerar um retrato: há professoras no ensino superior em química no IFRN? Essa questão move o tópico seguinte.

1.2 Docentes De Química No Ifrn

Quando se observa o número de docentes na Instituição, encontra-se dados bastante expressivos considerando as questões de gênero. Segundo o SUAP, o IFRN possui oitenta (80) professores com entrada em disciplinas de Química, Química Analítica, Química Aplicada, Química Inorgânica e Química Orgânica, sendo sessenta (60) do sexo masculino e apenas vinte (20) do sexo feminino. Como pode ser visualizado no gráfico 2.

Gráfico 2 - Número de docentes no IFRN com entrada nas disciplinas de Química.



Fonte: Adaptado do SUAP (2018).

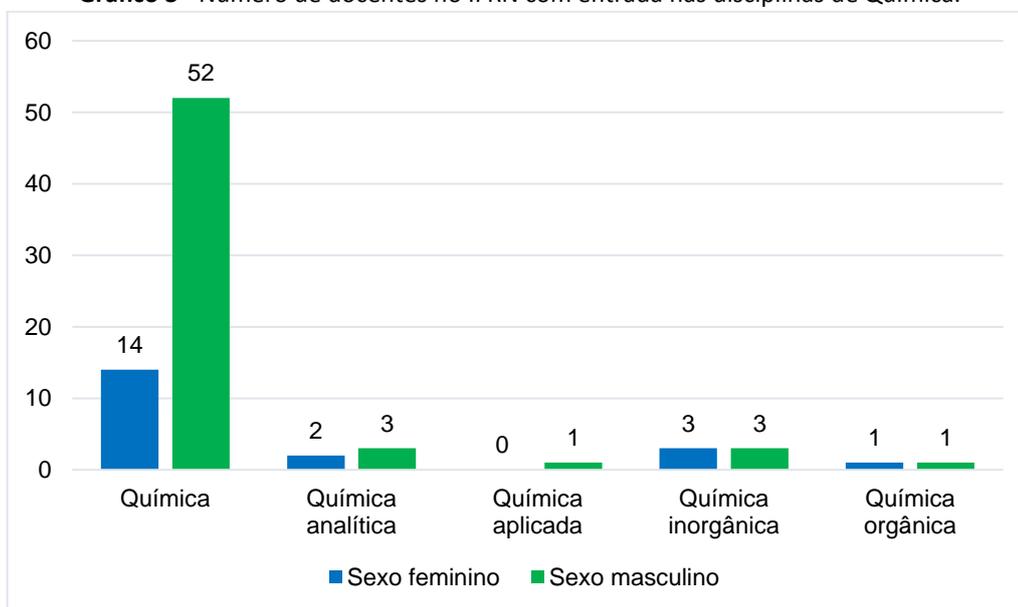
Observe-se que o IFRN é uma instituição de educação básica, mas o docente que nela entra, por meio de concurso público, pode trabalhar de forma verticalizada em todos os

níveis de oferta da instituição: da educação básica (técnico) à educação superior (tecnólogos e licenciaturas) e à pós-graduação lato e stricto sensu.

As condições de trabalho nos institutos federais são diferenciadas não apenas no que tange à atuação, mas à remuneração, que exige dedicação exclusiva de seus profissionais docentes oferecendo, em contrapartida, condições salariais melhores que os das redes públicas estaduais e municipais do estado. Isso não significa privilégios, mas condições melhores de trabalho e de dedicação. O que se releva aqui é que, em geral, os dados nacionais indicam a presença majoritária de homens nos postos melhor remunerados no país. “Independentemente de as mulheres apresentarem os melhores resultados educacionais em média, elas ainda não alcançaram resultados compatíveis com sua qualificação no mercado de trabalho.” (IBGE, 2018, p.7). O IFRN não é diferente dessa realidade.

Visualiza-se que apenas 25% do total de professores que lecionam alguma disciplina de Química no IFRN são do sexo feminino, enquanto 75% é do sexo masculino. Isso é algo contraditório, pois enquanto a instituição forma mais pessoas do sexo feminino, o sexo masculino é quem atua nos postos de trabalho com melhor remuneração. Evidentemente, não se quer traçar uma relação direta entre a formação no próprio IFRN e a sua entrada para atuar na instituição como docente, mas é relevante perceber uma condição que não é mérito da instituição, apenas um retrato da contradição social observada quando se buscam os dados referentes ao ensino superior no país, enquanto há mais mulheres sendo formadas, menos delas entram nas profissões de maior valorização. Essa realidade vem mudando, mas as mulheres ainda são minoria na educação superior, representam 42,6% e se concentram, principalmente, entre os docentes com titulação em mestrado e doutorado. Isso demonstra que as mulheres estudam por mais tempo, mas ainda têm menos espaço na docência superior quando de sua entrada no mercado de trabalho. (INEP, 2018).

No Gráfico 3, pode-se verificar as áreas específicas da Química em que os professores têm entrado como docentes no IFRN.

Gráfico 3 - Número de docentes no IFRN com entrada nas disciplinas de Química.

Fonte: Adaptado do SUAP (2018).

No Gráfico 3 verifica-se que a maioria das mulheres tem entrada na disciplina de Química geral (14), seguida de Química Inorgânica (3), depois Química Analítica (2), Química Orgânica (1) e nenhuma pessoa do sexo feminino com entrada como docente na Instituição em Química Aplicada.

A partir dos dados expostos, podemos concluir que os dados nacionais demonstram que o número de mulheres no curso de Licenciatura em Química tem aumentado. Isso é corroborado pela formação desenvolvida no IFRN nessa área. No entanto, a partir do olhar sobre o quadro docente do IFRN, percebe-se que são os homens que continuam atuando nos postos de trabalho com os melhores salários, no caso, como docentes, posto que o percentual de mulheres professoras dessa área específica (Química) ainda é minoria na instituição.

Vale ressaltar a falta de dados, por gênero, quanto ao número de profissionais nas respectivas carreiras de atuação e, conseqüentemente, o número de docentes na educação básica e do ensino superior em todas as áreas e principalmente em Química, foco desse estudo. Mas os dados apresentados aqui já traçam um retrato característico da docência em Química a partir do IFRN: apesar de haver mais mulheres que homens nos cursos de

licenciatura, há uma predominância masculina na docência na área. Isso instiga a compreender o que pensam as mulheres que atuam na docência em química acerca das relações de gênero em seu trabalho.

2 Questões De Gênero Na Sociedade

Este tópico trata das questões ligadas aos papéis, às desigualdades e à influência profissional sob a perspectiva das docentes entrevistadas. Esses elementos foram elencados como categorias de análise a partir da entrevista seja por negarem algumas diferenças à luz de suas experiências pessoais, seja em função de refletirem, a partir da entrevista, sobre as próprias experiências, seja para reiterarem esses temas como aspectos relevantes em sua experiência. Para melhor compreensão essa seção foi dividida em subseções de acordo com o quadro 2.

Quadro 2 - Síntese das subcategorias.

QUESTÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE
Papéis
Desigualdades
Influência profissional

Fonte: Elaborado pela autora em 2018.

4.1 Papéis

O primeiro questionamento indagou as docentes sobre a existência de papéis diferentes entre homens e mulheres na sociedade. De forma unânime elas responderam que não existem papéis de homens ou de mulheres na sociedade, para as entrevistadas todos devem ter o mesmo papel social, independentemente de ser homem ou mulher, e não deve ou deveria existir essa diferenciação, como expõe a Professora Li,

Acho que é a mesma coisa homem e mulher bem o papel que deveria ser exercido na sociedade não vejo diferença nunca pensei sobre essa pergunta especificamente eu não sei dizer se eu pensasse mais profundamente se eu não visse uma diferença que o homem ou a mulher tivesse que exercer na sociedade por motivo sei lá biológico mas a princípio eu não vejo uma diferença na forma como o homem ou a mulher deve exercer seu papel na sociedade (PROFESSORA Li, 2018).

Na percepção das entrevistadas, elas acreditam que existem diferenças entre papéis sociais, mas que eles não estão associados a questões de gênero. As entrevistadas afirmaram não pensar muito sobre essas questões, então, caminham nas percepções dentro do senso comum. Na literatura abordada nesse trabalho, no entanto, defende-se que os papéis sociais são elementos fundamentais na construção das identidades de gênero (ALMEIDA, 1998; BEAUVOIR, 1970; LOURO, 1993).

Elas defendem ainda que a capacidade profissional, os direitos e deveres sociais não estão associados a questões de gênero e isso é percebido na fala das professoras Be e B, quando defendem não ver diferença entre as obrigações de homens e mulheres na sociedade.

Eu acho que deva ser é totalmente iguais eu acho que não existe separação de nada [...]cada um tem seu mundo tem sua capacidade uns mais outros menos mas os direitos as obrigações né os deveres pra mim é tudo a mesma coisa é tudo igual o que um homem deve fazer uma mulher também deve fazer eu não consigo enxergar diferença [...]. (PROFESSORA B, 2018).

[...] quanto os homens quanto as mulheres têm direito né e deveres é : de ir e vir pra onde eles quiserem então é ... eu vejo dessa forma isso não quer dizer que porque você é uma mulher você não pode fazer isso ou pode deixar de fazer aquilo eu acho que acima de tudo tem que se ter respeito. (PROFESSORA Be, 2018).

Papéis considerados “tradicionais” têm deixado a mulher sem o poder de escolha para sua vida (CRUZ, 2009), para as docentes isso não deve ocorrer. É nítido na fala da professora que homens e mulheres precisam rever os estereótipos ligados aos papéis sociais que se espera deles (homens e mulheres) levando-os a romper paradigmas e construir papéis que indiquem sua igualdade a partir do respeito às suas diferenças e individualidades.

A professora H, acredita que,

[...] a mulher tem que se equivaler ao homem sim o ser mulher não me diminui nem me aumenta em absolutamente nada o trabalho como mulher independente da sua formação ele é tão qualificado quanto o de um homem acho que você não mede por gênero eu acho que você mede por capacidade por interesse ou aptidão às vezes você desenvolve uma coisa que você não tem aptidão e todo ser humano ele tem aptidões para mais e para menos ai isso é inerente do ser humano independente de ser homem ou mulher mas em questão de importância em questão de um todo para mim é igualitário. (PROFESSORA H, 2018).

A professora He compartilha do mesmo posicionamento das demais docentes, quando expõe que “[...] na minha concepção não existe papéis de homem e papéis de mulheres na sociedade na minha concepção são papéis iguais.” (PROFESSORA He, 2018).

Vale salientar que as docentes não diferenciam, em suas falas, sexo de gênero. Ou seja, o foco em seu discurso é a diferença biológica, sem considerar as questões sociais que condicionam os sujeitos masculinos e femininos a agir de determinadas maneiras socialmente aceitáveis.

4.2 Desigualdades

A desigualdade entre homens e mulheres são construídas segundo Incerti e Casagrande (2016), a partir de influências na infância, quando por meio de brincadeiras,

cores, atividades e brinquedos se perpetua quem tem características predominantes de um ou outro sexo. Suas falas passam a demonstrar uma certa contradição em relação à categoria anterior, visto que, apesar de não perceberem que existam (ou deveriam existir) diferentes papéis para homens e mulheres, elas demonstram existir desigualdades entre os sexos. Ao mesmo tempo, vale ressaltar que a própria entrevista leva as docentes a refletir sobre as relações de gênero a partir de sua própria experiência pessoal.

Verifica-se mais uma vez unanimidade nas respostas das participantes, ao afirmarem que a desigualdade é “perceptível” entre os gêneros no dia a dia. Esse discurso está claro na fala das cinco entrevistadas quando questionadas sobre “[...] a desigualdade entre homens e mulheres”:

[...] a gente percebe isso nas entrelinhas do dia a dia [...]. (PROFESSORA H, 2018).
 [...] a gente presencia muito isso essa questão da desigualdade infelizmente é algo que ainda está presente no mundo atual [...]. (PROFESSORA He, 2018).
 Eu acredito que existem muitas desigualdades na sociedade [...]. (PROFESSORA Li, 2018).
 [...] é existe uma desigualdade ainda muito grande [...]. (PROFESSORA Be, 2018).
 Com certeza isso é perceptível isso é notável no nosso dia a dia [...]. (PROFESSORA B, 2018).

Percebe-se ainda na fala das entrevistadas que a desigualdade entre os gêneros é algo cultural e com forte predominância do machismo, que deriva de um modelo de sociedade fortemente patriarcal. (CARVALHO; CASAGRANDE, 2011). Sobre isso a Professora B expõe que convive com cidadãos que pregam a desigualdade e acreditam ser algo natural, como explica,

[...] eu tenho bastante pessoas ao meu redor que é ... mostram isso claramente sem nenhuma dificuldade sem nenhuma noção do ridículo [...] eu percebo muitas mentes tanto femininas como masculinas porque o machismo tá em ambas as partes eu vejo[...]. (PROFESSORA B, 2018).

O exposto pela docente é a realidade vivida por uma sociedade marcada pela divisão dos sexos, a submissão de um sexo sobre outro, quando deveria existir o respeito e não a desigualdade baseada em aspectos biológicos como defendem Beauvoir (1970) e Almeida (1998).

A professora He reforça também na sua fala o quanto o machismo está embrionado nas relações diárias,

[...] a gente percebe que pessoas extremamente machistas que acreditam que apenas os homens são habilitados a fazer determinada função e a mulher não a mulher ainda é vista como aquela pessoa que tem que viver em casa cuidar dos filhos e da casa”. (PROFESSORA He, 2018).

O discurso das docentes chama a atenção acerca da divisão sexual do trabalho que, segundo as docentes entrevistadas, ainda é muito presente no cotidiano, apesar de a justificativa não ser mais baseada na falta de qualificação feminina (COSTA; PONTES, 2010). Alves (2016) lembra que, apesar da inserção de mulheres nos postos de trabalho, isso não ocorreu como forma de redução da “desigualdade entre os gêneros”, mas decorrente da necessidade de mão de obra operária. (ALVES, 2016, p.37). Portanto, o fato não minimiza socialmente o preconceito ou a desigualdade entre os sexos.

A professora Li aborda que a desigualdade é cultural e vem ao encontro do que Cardoso (2016) defende, quando diz que o comportamento da mulher é “[...] resultado de um extenso período de servidão e da influência da igreja católica como força política e instrumento de controle social.” (CARDOSO, 2016, p. 74). Corroborando essa afirmação de Cardoso, a Professora Li diz

[...] tem certos elementos de desigualdade enraizados na cultura consequentemente vai existir uma desigualdade entre homens e mulheres já que culturalmente sempre existiu uma desigualdade entre homens e mulheres é : o cristianismo a própria Bíblia tá repleta de referências a desigualdade entre homens e mulheres e a gente a nossa cultura ela é muito influenciada pelo cristianismo ... então existem desigualdades. (PROFESSORA Li, 2018).

As entrevistadas deixam explícito nas suas falas que a desigualdade está bastante presente no dia a dia, apesar desse cenário ter mudado nos últimos anos, a partir da luta das mulheres por acesso à educação.

Hoje os dados censitários do Brasil indicam a presença majoritária das mulheres no ensino superior, não necessariamente distribuídas de forma igualitária em todas as áreas. Isso significa que há áreas majoritariamente femininas e áreas majoritariamente masculinas, conforme se pode observar no censo do INEP (2018), que indica a maior presença das mulheres em cursos de licenciatura.

A fala das docentes no momento destacado na citação, estava voltada para as relações sociais mais amplas, do cotidiano e, portanto, não necessariamente ligadas à sua prática profissional. Essa informação é relevante porque só mais adiante é que se vai observar sua reflexão acerca das relações entre os gêneros na sua área específica de atuação.

4.3 Influência Profissional

A discussão que levou à formulação da subcategoria influência profissional foi identificada nas falas das entrevistadas ao relatarem que a influência de gênero vai persuadir diretamente nas escolhas profissionais, como explica a professora H,

[...] a gente tem profissões que são tidas como extremamente masculinas extremamente femininas mas eu acho que se criou um estigma em cima disso porque a gente veio de um histórico de os homens sempre tiveram acesso à educação antes de maneira é : sempre mais importante do que as mulheres então a educação da mulher como a educação domiciliar para a família para os filhos e a educação masculina é que era a educação para o provimento da casa isso é tradicional desde que o mundo é mundo e a partir do momento que a mulher saiu de casa para ir estudar para ir batalhar então começou a criar o estigma de que ah... esse curso é masculino esse curso é mais feminino eu acho que a gente perpetua mas não porque a mulher não tem capacidade mas eu acho que pela falta de estímulo pela falta de oportunidade[...]. (PROFESSORA H, 2018).

A discussão da professora H apresenta dois posicionamentos em relação à influência profissional, primeiro que a escolha a partir de questões de gênero é derivada do convívio em uma sociedade “patriarcal” e conseqüentemente a educação feminina é tardia e voltada para o lar (LOURO, 1993). E a segunda, tem relação direta com a primeira, ao afirmar a influência cultural que é perpetuada nas áreas e profissões que culturalmente são “masculinizadas” ou “feminizadas”, como reforça Bandeira (2008), ao afirmar que no Brasil as áreas que possuem maior concentração feminina são as áreas de Humanas e linguagens, enquanto os homens dominam as Engenharias e as Ciências Exatas. Essa não é uma característica apenas do Brasil, pois o mesmo pode ser percebido em Portugal como apresentado no Guia de Educação Género e Cidadania, elaborado por Silva e Saavedra (2015, p. 71), ao indicar que desde o ensino secundário os garotos tentam evitar as áreas das “Humanidades e Literaturas” e as garotas “[...] disciplinas que dão acesso às Engenharias.”.

A visão da docente entrevistada demonstra compreensão acerca dessa perpetuação social e cultural das diferenças de gênero entre as áreas e essas diferenças são construídas a partir dos estereótipos que se definem para homens e mulheres na sociedade patriarcal.

Com um viés um pouco diferente do exposto acima, a professora Li, defende que,

Existem cursos e trabalhos que costumeiramente apresentam maior incidência masculina ou feminina mas eu não acredito que isso seja por preferências masculinas ou femininas ou por um elemento de que homem e mulher sejam feitos para determinados trabalho [...] como elemento da cultura se eu como mulher vejo que a maior incidência em determinada profissão de mulheres pode ser mais provável que eu queira aquela profissão porque eu me vejo :: mais representado naquela profissão assim como o homem [...]. (PROFESSORA Li, 2018).

A professora Li acredita que “costumeiramente” homens e mulheres vão desejar assumir postos de trabalho em que veem maior incidência do mesmo sexo. Isso tem as consequências que já foram abordadas, em que as escolhas passam a ser marcadas por influências de gênero, que podem inibir ou intimidar homens e mulheres em escolhas futuras, e “[...] levam a bipolarização do emprego feminino e manutenção da ideia de que é impossível romper com as barreiras impostas pelo sexo.” (ALVES, 2016, p.38-39). A professora Li aponta que as escolhas são amparadas também em representações sociais de que os sujeitos estão imbuídos, assim, os sujeitos masculinos e femininos acabam por reproduzir os preconceitos e as diferenças pré-existentes.

A professora He reforça essa perspectiva, lembrando o preconceito existente em alguns tipos de trabalho, ao dizer “[...] em alguns ambientes de trabalho há sim o preconceito que para determinada vaga às vezes na própria chamada de trabalho diz que querem alguém do sexo masculino.” (PROFESSORA He, 2018).

Percebe-se explicitamente como o preconceito e a desigualdade são percebidos pela entrevistada ao reclamar da escolha já determinada a partir da diferença. Para Daniel (2011, p. 324), assim como há quem acredite que trabalhos podem ser determinados pelo sexo, também há quem acredite que existem “[...] habilidades masculinas e femininas que tornam homens aptos para o ‘trabalho masculino’ e mulheres aptas para o ‘trabalho feminino’.”. As entrevistadas, no entanto, acreditam que se deve partilhar a ideia de que o profissional não deve ser escolhido pelo fator biológico, mas pela sua capacidade, eficiência e competência.

Já a professora B, retrata que apesar de algumas mulheres terem o receio de encarar alguns nichos profissionais, grande parte já enfrenta o que deseja sem o receio de sofrer preconceito, a docente dá o seu testemunho como mulher que não apresenta preocupação em enfrentar as dificuldades para alcançar o que deseja.

[...] **eu acho que poucas mulheres** dão um passo atrás em relação a determinadas profissões áreas ... mas eu acho que isso tá diminuindo muito acho que são poucas mulheres que se submetem a dar um passo pra trás né a maioria agora dá um passo pra frente mesmo [...]com relação a mim isso não interfere em nada se eu tiver que ser um astronauta eu vou ser um astronauta pode ter dez homens eu vou tá lá no meio pra mim não importa isso porque acho que a capacidade tá em cada um meu lema é esse capacidade todo mundo tem. (PROFESSORA B, 2018, grifo nosso).

A professora B informa que as mulheres recuam quando se trata de assumir profissões mais masculinizadas, mas esquece de mencionar, no entanto, que não basta a sua vontade para que ela alcance o lugar ou a profissão/função que deseja. Escolhas profissionais não deveriam ser baseadas em questões de gênero, mas infelizmente, como demonstra Alves (2016, p. 39), “Como resultado da cultura social do desejável a cada gênero há baixa mobilidade profissional das mulheres nos espaços que são ocupados simultaneamente pelos dois gêneros.”.

A professora está em uma sociedade e as escolhas podem ser viáveis ou não, se ela decide ser astronauta em um país ou em um estado em que não há formação ou mesmo investimento nessa área, ela precisaria ter as condições financeiras, sociais e culturais necessárias para mudar para áreas em que tivesse essa oportunidade, condições que não são legadas a todos. Esse é um exemplo baseado no depoimento da professora, mas é uma realidade que pode atingir a todos, principalmente em um país desigual como o Brasil.

Considerações Finais

É possível constatar, por meio das entrevistas, que as professoras acreditam não existir papéis de homens ou de mulheres na sociedade, que ambos deveriam ter o mesmo papel social, independentemente de ser homem ou mulher, baseado em uma ideia do senso comum.

Depreende-se que as desigualdades entre gêneros são “perceptíveis” no cotidiano. É uma realidade vivida por uma sociedade marcada pela divisão dos sexos, a submissão de um sexo sobre outro, enquanto deveria prevalecer a equidade, as entrevistadas corroboram essa visão.

Constata-se que, sob a perspectiva das docentes entrevistadas, a escolha profissional muitas vezes é definida pelas questões de gênero, a partir da influência cultural que é perpetuada nas áreas e profissões que culturalmente são “masculinizadas” ou “feminizadas” (BANDEIRA, 2008).

Conclui-se esse trabalho apontando a urgente necessidade de uma educação e formação pautadas na equidade entre os gêneros, assim como a necessidade de mais pesquisas na área de gênero na educação profissional para que se possa dar a ver as

questões que constituem a presença das mulheres no mundo do trabalho e se ampliem as perspectivas de conhecimento nesse âmbito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ARROIO, Agnaldo. Formação docente para o ensino superior em química. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7, 2009, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009, p. 1-12.

ALVES, Hellen Virginia da Silva. Educação profissional, percepção de gênero e o espaço da mulher técnica em informática: uma investigação entre alunas e alunos do serviço nacional de aprendizagem comercial Senac de Porto Velho - RO. *Revista Formação*. Porto Velho, v. 4, n. 23, p. 31-56, 2016. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/4504/3696.%20Acesso%20em:%2012%20nov.%202017>. Acesso em: 12 nov. 2017.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 16, p.207-228, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a20v16n1.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: Fatos e Mitos* (S. Milliet, Trad.). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. *R. Inter. Interdisc.*, Florianópolis, v.8, n.2, p. 20-35, 2011.

CARDOSO, Vera Lúcia. *Inserção de mulheres: um estudo sobre a presença feminina em escolas de educação profissional no Brasil (Belo Horizonte) e em Portugal (Lisboa)*. 2016. Tese (Doutorado em Ciência sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

COSTA, Anabelle Carrilho da; PONTES, Juliana Gomes. A percepção das engenheiras sobre as relações de gênero no mercado de trabalho. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA TECNOLOGIA E GÊNERO, 7, 2010, Curitiba. *Anais...* UTFPR, 2010. p. 1-11.

CRUZ, Maria Helena Santana. Cidadania, crise do trabalho e gênero: desafios para estabilização dos direitos. In NEVES, Paulo Sérgio Costa (Org.). *Educação Cidadania e Questões contemporâneas*. São Paulo: Cortez editora e Editora UFS, 2009.

DANIEL, Camila. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, n. 25/26, p. 323-344, 2011.

FERREIRA, Luiz Otávio; AZEVEDO, Nara; GUEDES, Moema; CORTES, Bianca. Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969). *Revista Suplemento*. V. 1, junho 2008, p. 43-71.

IBGE. *Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Informativo. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf Acesso em 15 de nov. 2016.

IFRN, *Resolução Nº 08/2012-CONSUP/IFRN*: Projeto pedagógico do Curso Superior de Licenciatura em Química na modalidade presencial. Natal: IFRN, 2012.

INEP. Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopses estatísticas 2018. Disponível em <http://inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior> Acesso em 20 de abril de 2020.

INCERTI, Tânia Gracieli Veja; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Relações de gênero e educação profissional: uma análise a partir da realidade educacional do IFPR. *In: Jornada LATINO-AMERICANAS DE ESTUDOS SOCIAIS DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA*, 11, 2016, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Associação brasileira de estudos sociais das ciências e das tecnologias. 2016. p. 1-12.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. *In: LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1993. p. 57-87.

MALDANER, Otavio Aloisio. *A formação inicial e continuada de professores de Química*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

MINAYO, Maria Cecília S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

OECD. *Education at a Glance 2019: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/f8d7880d-> Disponível em http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/eag/documentos/2019/EAG_2019_OCDE.pdf Acesso em 20 de janeiro de 2020.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. *In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995.

SANTOS, Elza Ferreira. *Gênero, educação profissional e subjetividade: discursos e sentidos no cotidiano do Instituto Federal de Sergipe*. 2013. Tese.(Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SÁ, Carmen Silvia da Silva; SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos. Licenciatura em Química: carência de professores, condições de trabalho e motivação pela carreira docente. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 8, 2011, Campinas, São Paulo. *Anais...* Campinas, São Paulo:

Associação brasileira de pesquisa em educação em ciências, 2011. p.1-12.

SÁ, Carmen Silvia da Silva; SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos. Constituição de identidades em um curso de Licenciatura em Química. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 69, p. 315-338, 2017.

SILVA, Paula; SAAVEDRA, Luísa. Género, saberes e competências. *In: PINTO, Teresa (Coord.). Guião de Educação Género e Cidadania - 3º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2015. p. 71– 72.

SUAP, *Sistema Unificado de Administração Pública*. Natal: IFRN, 2018.